Elogios de Demócrito Rocha

DOLOR BARREIRA

Sr. Presidente,

Srs. Sócios,

Exmas. Senhoras,

Meus senhores :

Nestes últimos tempos, tem-se feito sentir, inclemente, para com o "Instituto", a ação sinistra da morte. No intervalo de pouco mais de um ano, "o fio cortou a Parca irada", como diria mestre Camões, a duas de suas grandes vidas: em 1942, a de Soares Bulcão, mavioso poeta, prosador emérito, intrépido jornalista, meticuloso e provecto pesquisador das nossas origens, cujo perfil literário malamanhadamente tentei esboçar, trinta dias depois do seu trespasse; em 1943, a de Demócrito Rocha, festejado homem de letras, que dignamente o substituiu neste conspícuo cenáculo, e cuja trajectória espiritual o "Instituto do Ceará" e a "Academia Cearense de Letras" mandam que eu aqui assinale, nesta solenidade, que as duas enlutadas associações dedicam á sua dileta memória, no trigésimo dia do seu desaparecimento.

Foram — não ha negar — dois golpes profundíssimos, de irreparável dano para a nossa cultura, pois de um e do outro, de Bulcão, no setor, tão pouco explorado, da genealogia cearense, e de Demócrito, no ubertoso campo das nossas letras, eram de esperar, ainda, opulentas e fecundissimas contribuições.

BIOGRAFIA

Senhores: — Antes de mostrarmos o que Demócrito Rocha foi e o que fez no plano superior do pensamento, qual a sua ação social, como o seu claro espírito amadureceu e frutificou, no meio em que viveu, digamos, em breves palavras, da sua vida. A vida, ordinariamente, explica a obra: esta, quase sempre, é corolário e resultante daquela.

Demócrito Rocha nasceu a 14 de abril de 1888.

Foi a Bahia, essa, na frase do maior dos seus filhos, "região saturada de espiritualidade, onde a inteligência envolve e enche o ambiente, como o azul da atmosfera, a luz solar, e a doçura das nosas virações", foi a Bahia — repetimos — que lhe ouviu e recebeu os primeiros vagidos.

Não muito tempo depois do nascimento, ficou só no mundo, exposto ás maquinações e ás insidias dos homens, pois perdeu pai aos dois anos de idade, e mãe, aos cinco.

Isso não obstante, pôde fazer, em Caravelas, cidade do seu berço, os primeiros estudos.

Aos 12 anos, foi operário de indústria pesada, em uma oficina de reparação de locomotivas, na Estrada de Ferro Bahia e Minas. A propósito, escreve Demócrito Rocha, na sua curiosa nota — "Eu e o Rei da Inglaterra" :

> — "Já encontrei um ponto de afinidade profissional do Rei da Inglaterra com o humilde rabiscador destas "Notas". O mundo, em sua vertigem, oferece bizarras surpresas. O Rei Jorge VI — diz um telegrama — trabalha durante duas horas e meia, em pé, junto á bancada de um tôrno e durante duas noites na semana, sem aceitar o pagamento de sua tarefa. Eu também já fui operário de indústria pesada, em uma oficina de reparação de locomotivas. As diferenças: O rei conta 48 anos de idade e eu tinha doze anos. O rei nada percebe e eu ganhava naquele tempo 500 réis por dia. O rei só trabalha duas horas e meia em duas noites de cada semana. Eu trabalhava nove horas por dia nos seis dias úteis de todas as semanas. O rei trabalha como torneiro e eu trabalhava como ajustador, embora, nos apertos da oficina, quando faltavam bronzes para as máquinas, eu tivesse várias vezes trabalhado como torneiro, adaptando ao serviço de tornos uma operatriz de furar. Eu sabia o meu oficio, tanto que fui promovido a ajudante, mas ignoro se o meu soberano colega entende mesmo do serviço".

Transportando-se para Aracajú, capital de Sergipe, aí fêz, em 1907, as suas humanidades, realizando, ao mesmo tempo, exames para odontologia e concurso para o Telégrafo Nacional.

Em Fortaleza, onde se encontrava, desde 1912, como telegrafista, ligou, em 1915, o seu destino ao de d. Creusa do Carmo Rocha, que lhe foi, através da acidentada e tumultuosa peregrinação, dedicada e estremecida companheira, cujo amôr o mimoseou, dadivosamente, com êstes dois presentes do céu: Albanisa e Lúcia.

Em 1921, concluia Demócrito Rocha o seu curso, na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará.

Abrasado no entusiasmo das belas letras e do jornalismo — fogo sagrado que ardeu, nele, dia e noite, enquanto permaneceu entre os vivos —, fundou, em 1924, a revista "Ceará Ilustrado", o jornal "O Povo", em 1928, depois de ter dirigido o "O Ceará", ao lado de Matos Ibiapina, e trouxe a público, com outros, em 1929, a folha "Maracajá", orgão da agitação modernista na literatura cearense.

Atraído pela política, representou o Ceará, na Camara Federal, de 1935 a 1937.

Em 1938, passou a ocupar a cadeira de Higiene, na nossa Escola de Farmácia e Odontologia.

Fez parte do "Instituto do Ceará" e da "Academia Cearense de Letras", que hoje lhe prestam, numa integral harmonia de vistas, esta singela, mas significativa homenagem postuma.

Como acabais de ver, meus senhores, a passagem de Demócrito

Rocha pela terra foi uma luta ininterrompida e pugnacíssima. De resto, esta mesma expressão marcou, de maneira funda e vigorosa, a vida de seu espírito, a vida, frementemente vivida, das suas idéias e dos seus ideais, que foi, também, um combate incessante e renhido, em prol de umas e outros, não raro, todavia, coroado por brilhantes e assinalados triunfos.

Senhores: — Inteligência polimorfa, Demócrito foi poeta, jornalista, orador, escritor.

Apreciemo-lo, embora de relance, através dessas diversas formas das suas atividades mentais, começando pelo

POETA

Ao que sabeis, meus ouvintes, a Europa viu emergir, dos escombros da guerra de 1914-1918, uma nova mentalidade. É que o "horror da carnificina fez com que os homens, que haviam estado nas trincheiras e haviam sentido as vizinhanças da morte, compreendessem a precariedade de tudo o que se não relacionasse diretamente com a vida. A arte, no rebuscado dos seus arabescos, e na estatica das suas representações, deixou de interessar. Surgiu um estilo mais vivo, mais proximo da realidade. A curva especiosa foi substituida pela reta pura e simples. As sombras, os entre-tons, o jogo macio das côres foi morrendo e desaparecendo. Para substituir essa técnica linear, apareceram a nitidez geométrica das imagens, a clareza dos símbolos vivos".

São palavras lapidares essas de Nelson Wernek Sodré, que acrescenta, num resumo felicíssimo do significado da reação modernista na literatura ocidental: "Pode-se dizer que essa nova estética se caracterizou pela reconciliação com a vida, em todos os seus contornos, em todos os seus tremendos contrastes. Os grandes problemas humanos passam para o primeiro plano... A vida apossou-se violentamente, bruscamente, da arte literária, transfundiu-se nela. Vida no que se pode representar como síntese de todos os movimentos e anseios, não de um homem, não de um ser, mas de todos os seres, assistentes e comparsas de um drama coletivo em que todos têm direito á palavra, não como unidade, mas como coletividade".

Ora, essa mudança, que tambem avassalou o Brasil, importou — conclui o insigne crítico — "em uma subversão completa do modo de escrever dos nossos homens de letras, caracterizou-se por uma mutação funda na forma dos escritores", sendo a poesia o domínio da beletrística que primeiro sofreu, como não podia deixar de acontecer, o influxo renovador da reação moderna, assim orientada, a qual teve, nos nomes de Jorge de Lima, Alvaro Moreira, Felipe de Oliveira, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Ribeiro Couto e Ronald de Carvalho, as suas supremas cristalizações.

Pois bem: o movimento modernista se processou, igualmente, nas plagas do Ceará.

E dêsse movimento, que Tristão de Ataíde chamou "o quarto movimento intelectual cearense... impregnado do mesmo ante-espiritualismo que Rocha Lima lançava em 1870", Demócrito Rocha foi um dos inpertérritos paladinos. Foi êle, aqui, em verdade, valente e decidido pregoeiro

do novo credo literário, "puramente, exclusivamente, brasileirista", que teve, na folha "Maracajá", o seu veemente e destemeroso portavoz, que se afirmou por uma rica produção, a que estão ligados, entre outros, os nomes de Paulo Sarasate, Mário de Andrade, Jáder de Carvalho, Heitor Marçal e Raquel de Queiroz.

São dessa época agitada e obedecem aos novos rumos poeticos os mais inspirados versos de Demócrito Rocha, de que podem servir de preciosas amostras "A Hora do Retirante" e êsse famoso poemeto "O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta".

No primeiro, exclama o poeta, a alma em pedaços, á vista da cena, que descreve, de dôr e luto pungentissimos:

"O sertanejo olhou de tarde
a curva do céu côr-de-cinza, côr-de-chumbo
côr da seca declarada e não dormiu...

E quando raiou o dia o sertanejo
cheirou a manhã e sentiu
um cheiro de terra queimada pelo sol!

E foi ao rio e viu areia solta no leito
do rio
e cavou e não minou agua
por entre os seixos de calcareo...

E o gado estava morrendo de fome
e de sede
e o filho não tinha leite para mamar
e a mulher não tinha feijão para comer...

E ele derramou a mochila para emigrar
e abriu a porteira do curral
e viu o gado murcho
o gado faminto
sair
pela terra seca
devagarinho
contando os passos
trocando as pernas bambas
berrando as saudades tristissimas
do inverno que não chegou..."

No segundo, o poeta revela-se o pujante paisagista moral que é, pintando-nos o heroismo do homem no seu ingente conflito com as fatalidades da natureza:

"O rio Jaguaribe é uma artéria aberta
por onde escorre
e se perde
o sangue do Ceará.

O mar não se tinge de vermelho
porquê o sangue do Ceará
é azul...

Todo o plasma
toda essa hemoglobina
na sístole dos invernos
vai perder-se no mar.

Ha milênios, desde que se rompeu a túnica
das rochas
na explosão dos cataclismos
ou na erosão secular do calcáreo.
do gneiss
do quarzo
da sílica natural...

E a ruptura dos aneurismas dos açudes...

Quanto sangue perdido!

E o pobre doente — O Ceará-anemiado,
esquelético, pedinte e desnutrido —
— a vasta rede capilar a queimar-se na soalheira —
é o gigante com a artéria aberta
resistindo e morrendo
resistindo e morrendo
resistindo e morrendo
morrendo e resistindo...
(Foi a espada de um Deus que te feriu
a carótida,
a ti— Fenix do Brasil)

(E o teu cérebro ainda pensa
e o teu coração ainda pulsa
e o teu pulmão ainda respira
e o teu braço ainda constrói
e o teu pé ainda emigra
e ainda povôa)

As células mirradas do Ceará
quando o céu lhes dá a injeção de sôro
dos aguaceiros —
as células mirradas do Ceará
entumecem o protoplasma
(como os seus capulhos de algodão)
e nucleiam-se de verde
— é a cromatina dos roçados no sertão...

(Ah, se ele alcançasse um coagulo de rocha!)

E o sangue a correr
pela artéria do rio Jaguaribe...
O sangue a correr mal que é chegado
aos ventrículos das nascentes...
O sangue a correr e ninguém o estanca...

Homens da pátria — ouvi:
— salvai o Ceará!

Quem é o Presidente da Republica?

Depressa
uma pinça hemostática em Orós!
Homens —
o Ceará está morrendo, está
esvaindo-se em sangue...

Ninguém o escuta, ninguém o escuta
e o gigante dobra a cabeça sobre o peito
enorme,
e o gigante curva os joelhos no pó
da terra calcinada,

E
— nos ultimos arrancos — vai
morrendo e resistindo...
morrendo e resistindo...
morrendo e resistindo..."

É uma página dramática, fremente de vida e palpitante de verdade... Sente-se, nela, que, não já o poeta, mas o homem, o cidadão, o patriota, encaram, de frente, o temeroso, o máximo problema da terra flagelada, e, cheios de santas e irreprimiveis vibrações, ante a crudelissima realidade, clamam pela providência salvadora, o urgente e heróico remédio...

O estro de Demócrito Rocha também se expandiu no gênero lírico, que é — de passagem se diga — a poesia essencialmente brasileira, marcante, com a sua emotividade amorosa e as suas incandescências sensuais, em todos os momentos da nossa evolução poetica.

O seu lirismo exubera nestes versos:

"— Ora, um beijo, afinal... que é um beijo, em suma,
Qual o sabor que têm
Os lábios de coral e os cabelos de pluma
Da mulher que é a nossa vida e o nosso bem?

Ah! eu sei avaliar a carícia de um beijo
Macia como a pétala de um jasmim...
É o encontro do meu com o teu desejo,
— Setim contra setim...

A aromal tepidez da tua boca,
O veludo de tuas sobrancelhas,
O anseio de beijar-te, esta ansia louca,
Nos olhos, nas orelhas,
Explicam, meu amor, todo o segredo,
Toda a volúpia que em teu beijo sinto.
Qual em teus lábios eu sorvesse, a medo,
Os frutos das parreiras de Corinto...

Demócrito Rocha pagou ainda o inelutável tributo ao soneto sentimental, a cuja perpetração, nas belas letras brasileiras, raro é o poeta que refugiu.

Aí está:

A PRINCESA MAFALDA

Foi numa extinta côrte. Havia festa.
Toda a nobreza, ali, compareceu.
E a família real, com o rei á testa,
Para o claro salão também desceu.

Eu fui com o meu brasão (que ainda me resta).
O mais moço dos nobres era eu.
E a princesa Mafalda, branca e lésta
A meu lado, um dos braços estendeu.

— "Barão! Será meu par, na contradansa!
É meu desejo e convidá-lo vim.
E a mão de neve em minha mão descansa...

Ha gestos de rancor, pelo festim...
— "Alteza! — respondi — grato a quem lança
Os olhos de princesa sôbre mim!...".

Senhores: Do poeta, passemos a apreciar o

ORADOR,

que Demócrito Rocha foi, incontestàvelmente, senhor, que era, dos segredos da palavra falada. Avesso, porém, aos tropos, á declamação, á vacuidade, tão do gôsto de certa casta de oradores, dominante em épocas pregressas da história nacional, era orador do nosso tempo, que faz da idéia conveniente e fecunda, e do vocabulo preciso e apropriado, com que a externa, o seu supremo objetivo. Aprumado e seguro no conceito e enérgico e eloquente na sua expressão. Sem exageros nem superabundancias, obscuridades nem rebuscamentos. Simples, claro e espontaneo, vibrando e abrazando-se, sempre que o inspiravam os superiores interêsses da coletividade, a cujo serviço timbrava em pôr, nobre, patriotica e generosamente, os seus invejaveis dotes oratórios: nos comícios populares, quando como na campanha liberal que antecedeu á revolução de 1930, combateu,

desassombrado e indefesso, "a política de violências e fraudes eleitorais que imperava no Estado", no Parlamento, ao discutir, "em dois discursos, magníficos na forma e no fundo", "um dos problemas mais importantes para a economia da nacionalidade — o problema do sal".

Senhores: — Depois do orador, vejamos

O JORNALISTA

que é a feição com que Demócrito Rocha de maneira mais afirmativa se revelou na vida pública, porque, em verdade, foi o jornalismo a sua irredutível vocação. "Era fundamentalmente jornalista", assim alguém o conceituou.

Era, sim, impenitente devoto dessa altíssima profissão, cujo panegírico o autor das "MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS" teceu, na carta a Augusto Emílio Zaluar, em frases que Demócrito Rocha de bom grado endossaria: "Admiro" — diz êle — "com orgulho e entusiasmo todas as grandes coisas da época em que vivemos: pasmo ante as pesquizas implacaveis da ciência com que os sabios de gabinete, macerando a inteligência, violam os segredos mais íntimos da natureza; arrebatam-me as concepções da indústria que parece querer formar um mundo no mundo, e que têm por assim dizer multiplicado o homem ao infinito, dando-lhe quase ubiquidade; extasia-me a fecundidade da poesia, da história e da literatura modernas, que excederam de uma imensa superioridade tudo quanto produziu o mundo antigo; mas, de todos êsses lidadores, sábios, industriais, poetas, historiadores e literatos, o tipo não mais admiravel, porém, mais simpático, mais do século, mais original, mais moderno, é o do jornalista periodico. Abracei — continua — essa profissão por instinto, quando ainda lhe não podia medir bem toda a inportancia: obscuro entre os obscuros, não tendo ainda do que ela tem de glorioso e belo senão a parte diminuta que corresponde á insignificancia do meu esfôrço, confesso com prazer que ainda não tive um dia de arrependimento, e que só a fôrça das circunstancias me afastará da carreira começada".

No jornal, realmente, pôs o grande morto á mais rigorosa prova a sua combatividade, a sua inteligência e a sua cultura.

Através dele, os seus princípios, caracterisadamente democraticos, conseguiram a sua maior irradiação e produziram os seus melhores frutos, e o seu estilo, ao contrário do que em geral acontece, adquiriu essa pureza, êsse equilíbrio, essa limpidez, essa elegancia e esse brilho, que o colocam a par dos nossos grandes prosadores.

A sua produção, esparsa pelas colunas de revistas e jornais e, mui especialmente, do O POVO, a cuja frente esteve, desde a sua fundação até pouco antes da sua morte, e onde consumiu a mais sadia seiva da sua vida, num labor diuturno e ímprobo, toda essa produção — repetimos — é a prova inquestionavel da verdade do nosso assêrto.

O O POVO, senhores, foi a tenda de trabalho, onde Demócrito Rocha controvertia as mais momentosas questões sociais, onde — sentinela avançada dos direitos do mais fraco — ardorosa e infatigávelmente os defendeu, e donde orientou, superiormente, a nossa opinião, por meio dessas notas

e comentários aos fatos de cada dia, no Ceará, no Brasil e no mundo, em as quais se distinguem as suas faculdades de observação, a agudeza no surpreender a essencia e significação dos acontecimentos, o aprumo com que analisa e conclue, a sua mestria no escrever, e que, como alguém disse, "se converteram numa necessidade espiritual e moral para a população".

É tempo, meus senhores, de fixarmos, seja embora de relance, o

ESCRITOR

Demócrito Rocha, além de poesia, do artigo ou da nota, ainda empregou os seus talentos na crônica e em escritos outros, de crítica literaria e psicológica, como "Machado de Assis", ensaio que leu, na sessão comemorativa do centenário do genial romancista das "Memórias Póstumas de Braz Cubas", realizada pela "Academia Cearense de Letras", em 21 de junho de 1939; de crítica puramente literaria, como a "Vida sentimental de Soares Bulcão", estudo que constituiu o discurso com que se empossou no "Instituto do Ceará", a 6 de janeiro dêste ano; e de crítica social, como "O moderno capitalismo e a Democracia", oração de paraninfo, proferida na solenidade com que se festejou, em 10 de dezembro de 1942, a colação de gráu dos Contadores da "Academia Comercial Padre Champagnat".

Em todos êstes trabalhos, Demócrito Rocha é o espírito sempre em cata de pensamentos e conceitos, e o artista da palavra escrita, que sabe entrajá-los aceada, sóbria, bisarra e brilhantemente.

No referido ensaio sobre Machado de Assis, há afirmações de tal percuciência na substancia e tão primorosas na maneira de enunciar, que não podemos resistir á tentação de aqui as transcrever.

> "Machado de Assis" — escreve êle — "é uma especie dêsses retratos murais, a óleo, ou dessas imagens de santos em seus altares, cujos olhos acompanham o espectador, por onde quer que êle percorra os salões dos edifícios, ou as naves das catedrais.
>
> No final de contas, se se procurasse localizar êsse olhar migrativo, a confusão seria total, por que toda a assistência, por mais numerosa e heterogênea, afirmaria que o olhar do retrato , ou da imagem, estaria fixado no seu quadrante de observação".
>
> "Machado perdura uma interrogação. No quadro literário do Brasil, há mais de meio século, está lançado um problema: o problema Machado de Assis. E por que ainda não ha matematica para as cogitações ligadas á alma, esse problema vem sendo resolvido ao sabor de cada concepção".
>
> "Machado escreveu uma obra universal. Seus livros apresentam a cor local meramente necessária á vida de suas personagens. E só. Mesmo por que essas personagens não poderiam viver no éter. Reclamariam aquilo por que as nações de hoje desejam fazer a guerra: "o espaço vital".
>
> E, vivendo em determinado país, em determinada cidade, em determinado tempo, não poderiam as narrativas se furtar

a pontos de reparo geográficos, cronológicos, ou de costumes.

Neste ponto, os romances de Machado de Assis se desviam para um polo antagônico ao dos principais livros de José de Alencar, que foi intensamente regionalista na terra, no homem e nos acontecimentos".

"Machado mantém com Anatole France um ponto comum de estilo. Mas o sobrepuja, sob êsse aspecto.

Anatole aconselhava a contrariar os epítetos". Para o criador de "Thaís", o encanto da frase estaria na oposição dos adjetivos... Ora, neste particular, Machado de Assis é insuperavel. Por que o autor de "Esaú e Jacó" não se limitava a contrariar os qualificativos, cujo principal êxito, na inteligência do leitor, não repousa precisamente nessa oposição, mas no imprevisto das qualificações em choque. Machado ia adiante, por que contrariava até as próprias frases, enganando o leitor, á ultima hora, numa exposição ardilosa, criando o antagonismo entre todo um episódio e o seu epilogo, isto sempre eivado de um sabor não apenas humoristico, mas positivamente comico".

"Já é tempo de perguntar, aos meus ouvintes — prossegue Demócrito —, qual o secreto fator que incitava Machado a essa refinada e frequente contrariedade dos epitetos. Que sentimento seria esse que o levava a empregar, após dois ou três adjetivos nobres, um outro pitoresco, ridiculo, deprimente?

Estude-se a obra de Machado, e ela própria nos esclarecerá.

Era escárneo.

O grande sarcasta trabalhou uma humanidade cheia de imperfeições. A ninguém perdoou. Foi realmente cruel. Todas as suas personagens sofreram, ou fizeram sofrer.

Era escárneo. Machado, sem o querer, descobre-se, quando estuda, por sua vez, um contraste da natureza.

Já conhecemos a jovem Eugênia, filha de d. Eusébia, e por quem, á primeira vista, palpitou o coração de Braz Cubas.

Pois bem: na segunda visita de Cubas á casa de d. Eusébia, convidado para jantar, descreve o nosso heroi, da seguinte maneira, a "Flôr da Moita":

— *"Eugênia desatavion-se nesse dia por minha causa, se é que não andava muita vez assim. Nem as bichas de ouro, que trazia na vespera, lhe pendiam agora das orelhas, duas orelhas finamente recortadas numa cabeça de ninfa. Um simples vestido branco, de cassa, sem enfeites, tendo ao colo, em vez de broche, um botão de madrepérola, e outro botão nos punhos, fechando as mangas, e nem sombra de pulseira. Era isso no corpo, não era outra cousa no espírito. Idéias claras, manciras chãs, certa graça natural, um ar de senhora, e não sei de alguma outra cousa; sim a boca, exatamente a boca da mãe, a qual me lembrava o episodio de 1841, e então dava-me impetos de glosar o mesmo mote á filha..."*.

Notem bem: — acrescenta — a descrição encantadora. Eugê-

nia aparece aí perfeita, seduzente, angelical. Logo em seguida, porém, d. Eusébia vai mostrar o jardim ao visitante e Braz Cubas nota uma circunstancia:

— "Eugênia coxeava um pouco".

Cubas indaga se machucara o pé. A mãe da moça guarda silêncio. Mas Eugênia responde:

— "Não, senhor; sou coxa de nascença".

Braz Cubas confessa no livro que se arrependeu da pergunta. Notou que a moça ficou triste. E diz Braz:

— *"Palavra que o olhar de Eugênia não era coxo, mas direito, perfeitamente são; vinha de uns olhos pretos e tranquilos. Creio que duas ou três vezes baixaram eles á terra, um pouco turbados".*

E mais adiante:

— *"O pior é que era coxa. Uns olhos tão lucidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é as vezes um imenso escárneo. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?"*

Em seguida, chama-a de "Vênus Manca".

Como ouviram — Demócrito conclui — para Machado, esse contraste, entre o belo e o coxo, *é um imenso escárneo da natureza.*

Ora, o autor de "Quincas Borba" repete, em sua obra literária, êsse escárneo da natureza: contrasta o belo e o coxo em suas personagens. Ninguem, em seus romances, é perfeito. Todos mancam do físico ou do moral. A contradição dos epítetos, em Machado de Assis, não ocorre, como desejaria Anatole, para dar encanto e primor ao estilo, mas para escarnecer da humanidade".

Muito ainda havia a transladar; mas o que aí fica basta a demonstrar o que acima asseverámos.

Senhores: — Em página desenganada de meditação, escrita em 1928, e a que deu a epigrafe — "Caminho da Vida" —, Demócrito Rocha fez estas reflexões:

"Quando o cintilante filigranista Alvaro Moreira afirmou que "a vida está errada" e convidou os homens para passá-la a limpo, sua visão estava naturalmente perturbada pelo ambiente da "Cidade Mulher", em que ele se criou. A vida está certa, certissima. Errados estão apenas os caminhos. Quando nós partimos, do berço para o túmulo, palmilhando a estrada cheia de obstáculos da existencia, não sabemos por onde caminhar. Em cada pouso imploramos pão e agua e em cada curva da estrada é-nos forçoso pedir que nos ensinem a melhor senda, aquela em cujas pedras sangram menos os nossos pés. — Por aqui, fatigado caminhante! — brada-nos uma voz amiga — encontrareis os meus campos de relva macia e a agua sempre clara dos meus arroios. Marchamos confiantes e, somente ao cair das trevas da noite, vencidas leguas de jornada, é que

sentimos as amarguras de uma nova desilusão. Aquêle caminho era igual aos outros percorridos e terminava na rudeza de um penhasco... — O caminho da vida... Estarei ainda muito longe de chegar ao fim"?

Não, podemos agora responder; estava perto, infelizmente, pois apenas quinze anos (que é um instante na vertigem dos nossos dias), depois de formulada a dolorosa interrogação, desaparecia nas sombras tétricas da sepultura...

Os fados, porém, deviam ter permitido que Demócrito Rocha tivesse ido muito adiante, além do mais, para bem do "Instituto do Ceará" e da "Academia Cearense de Letras", que tinham a esperar, da sua cerebração, proveitosíssima cooperação e grandes serviços, que ela, ainda na plenitude da sua força, estava em condições de prestar, vitoriosamente.

E é por isso que as duas gloriosas sociedades, afirmando, através do seu dó, a falta que êle lhes faz, depõem, por meu intermédio, no seu tumulo recem-fechado, a flôr da sua imorredoura saudade... (1)

---

(1) Discurso pronunciado, em nome do "Instituto do Ceará" e da "Academia Cearense de Letras", no dia 29 de dezembro de 1943, 30º dia da morte de Demócrito Rocha.